



## **PIBID: Discutindo e refletindo sobre as contribuições do Plano de Intervenção Pedagógica - PIP na Escola, uma construção coletiva que transforma**

*Silvana Francisca da Rocha, Franciely Ferreira da Silva, Letícia Cardoso dos Santos,  
Dayse Magna Santos Moura*

### **INTRODUÇÃO**

O presente relato tem como foco apresentar a discussão e reflexão de duas acadêmicas bolsistas do Programa Institucional de Incentivo a Docência – PIBID na Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, sobre a importância e contribuição do Plano de Intervenção Pedagógica – PIP criado nas escolas públicas de educação básica. A metodologia utilizada é de cunho bibliográfico. Criado em 2008, pela Secretaria de Educação de Minas Gerais, o PIP tem o desafio de reverter a realidade das escolas. Seu principal objetivo é melhorar o aprendizado dos alunos e reduzir a repetência, tendo como aspiração lema “Toda criança lendo e escrevendo até os oito anos de idade”. Neste contexto, pretendemos compreender como as ações do PIP foram implementadas e a forma como os diferentes atores escolares se apropriaram do programa e sua influência no processo de desenvolvimento dos alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Desta forma, a análise dos efeitos do PIP é um instrumento valioso para reforçar as práticas positivas existentes e/ou sugerir mudanças nos rumos da gestão.

### **Breve histórico do plano de intervenção na escola**

Os desafios crescem a cada dia e a cada dia as escolas e profissionais da educação se unem na busca de novas soluções. Mais do que o dever de educador, é preciso garantir o direito de sucesso aos alunos, não só no processo de alfabetização e letramento, mas também na oferta de melhor ensino e mais aprendizagem, para que a formação para o exercício da cidadania seja realidade.

A implantação do Ensino Fundamental de 9 anos, em 2004, em todo Estado de Minas Gerais, do qual faremos referência, foi um marco histórico - o divisor de águas - que registrou a busca pela qualidade do ensino.

Com o compromisso pela melhoria da educação e com prioridade máxima aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a partir desse momento, novas estratégias de trabalho foram delineadas, com foco no trabalho em equipe, incentivando práticas inovadoras de gestão e liderança. Assim, surge o PIP -Projeto de Intervenção Pedagógica - que, em 2008, tornou-se programa de intervenção pedagógica / alfabetização no tempo certo. O PIP é um programa desenvolvido em todas as escolas do Estado, com o objetivo de oferecer apoio pedagógico à equipe escolar e garantir a aprendizagem do aluno e a consequente melhoria do desempenho na escola.

Com a implementação desse, novas formas de pensar e agir foram sendo incorporadas pelos agentes. Novos paradigmas vão se sobrepondo a antigas concepções, com o objetivo de atingir ou superar a meta pactuada. Nessa rede de transformação, cada agente desempenha seu papel, de forma a garantir a articulação de todas as ações relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem, inclusive a integração da comunidade escolar: um trabalho da equipe pedagógica para a melhoria da aprendizagem do aluno. Nessa perspectiva o aluno é o centro do processo educativo e está no centro de nossas atenções, ele é o sujeito de sua aprendizagem, compromete-se com as atividades escolares, se envolve e participa dos eventos e projetos da escola e da comunidade.

### **Desvendando a Intervenção Pedagógica e as práticas educativas**

A intervenção pedagógica é a interferência que se faz sobre o processo de desenvolvimento ou aprendizagem do aluno que apresenta problemas. Entende-se que na intervenção o procedimento adotado interfere no processo, com o objetivo de compreendê-lo, explicitá-lo ou corrigi-lo, é preciso introduzir novos elementos para que o sujeito pense, elabore de uma forma diferenciada as ações, quebrando padrões anteriores



de relacionamento com o mundo do conhecimento, das ideias. A intervenção pedagógica atende não apenas à necessidade de abordar, de forma pedagógica, os ritmos diferenciados de desenvolvimento dos alunos, mas, e principalmente, a uma demanda logicamente necessária do sistema de ciclos, que não condiz com as interrupções artificiais do sistema seriado e a retenção de alunos em um ano escolar. Ela pode ser pensada como um processo que se desenvolve no próprio tempo e espaço de permanência dos alunos na escola.

Abordar prática docente exige, portanto, que abordemos sujeitos que possuem um ofício, de acordo com Arroyo (2000), o saber de uma arte, a arte de ensinar, é que produzem e utilizam saberes próprios de seu ofício no seu trabalho cotidiano nas escolas.

A prática docente pode contemplar atividades diferenciadas que muitas vezes ultrapassem os limites de uma sala de aula, pois ensinar e aprender envolve pessoas que podem ser influenciados por diversos fatores que permitem contribuir ou não para a criação de oportunidades de aprendizagem.

Na prática educativa, o professor tem um papel fundamental, ainda que ela não esteja centrada em suas ações, apenas dando pequenas orientações e fazendo observações, mas necessita-se lembrar que ele, o professor, teve uma participação, na maior parte das vezes solitária, durante todo o organizar da prática. Nesse processo, pode-se reconhecer na prática educativa a possibilidade da transgressão a partir das intenções do docente na mediação das interações entre o “mundo físico e o social”. Segundo Freire:

Ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar, é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (1996, p.12)

O ensino deve fazer-se significativo para o aluno, para que ele obtenha interesse, não basta ensinar por ensinar. O professor também precisa antes de tudo entender a vida de seus alunos, para tentar entendê-los, pois cada aluno já vem com uma bagagem tanto cultural, quanto social formada, por isso o professor deve valorizar o conhecimento já adquirido pelos alunos, e, para que isso aconteça, ambos devem obter uma relação de cumplicidade, visto que todos tem algo a ensinar.

A formação continuada do professor necessita ser concebida como reflexão, pesquisa, ação, descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção teórica e não como mera aprendizagem de novas técnicas, atualização em novas receitas pedagógicas ou aprendizagem das últimas inovações tecnológicas.

Gadotti afirma que a “formação do professor deve basear-se no diálogo e visar à redefinição de suas funções e papéis, à redefinição do sistema de ensino e à construção continuada do projeto político-pedagógico da escola” (2003, p.32).

Aprende-se atuando, empreendendo, agindo, sendo que a ação gera saber, habilidade, conhecimento. Agindo, aprendemos técnicas e métodos sobre “como fazer” e muitas vezes, por não termos sido formados para reconhecer essas competências, não sabemos ensinar como fazemos, como chegamos a ter êxito no que fazemos.

Inúmeros docentes se sentem frustrados na escola e principalmente na sala de aula, pois percebem que os alunos estão cada vez mais desmotivados, vão para a escola, às vezes, obrigados pelo pais, pois falta interesse, falta disciplina, faltam objetivos claros, enfim, falta sentido para o ensinar. O aluno também não vê sentido no que está aprendendo, o que fomenta um importante questionamento “Para que estou estudando isso, professora?” - “Para que estudar?”. O aluno quer saber, mas ele não quer aprender o que lhe é ensinado e nem da forma que é ensinado. Há na escola um descompasso, posto que a escola ensina de uma forma e o aluno aprende de outra.

### **Abordar o ensino na perspectiva do letramento com foco no uso social**

Na contemporaneidade, ser alfabetizado, ou seja, saber ler e escrever, tem se revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas sociais atuais. A simples aquisição do código escrito é insuficiente para possibilitar ao indivíduo se relacionar e comunicar-se com os demais. É preciso ir além, ser realmente alfabetizado e, sobretudo fazer uso desse conhecimento na prática social.



# FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,  
PESQUISA, EXTENSÃO  
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015  
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



Soares (2003) afirma que socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter outra condição social e cultural - não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura - sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente.

Letramento significa o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.

O conceito de letramento no sentido da prática social está muito presente na literatura de educação científica. Shamos (1995) considera que um cidadão letrado não apenas sabe ler o vocabulário científico, mas é capaz de conversar, discutir, ler e escrever coerentemente em um contexto não-técnico, mas de forma significativa. Isso envolve a compreensão do impacto da ciência e da tecnologia sobre a sociedade em uma dimensão voltada para a compreensão pública da ciência dentro do propósito da educação básica de formação para a cidadania (Santos & Schnetzler, 1997).

O letramento como prática social implica a participação ativa do indivíduo na sociedade, em uma perspectiva de igualdade social, em que grupos minoritários, geralmente discriminados por raça, sexo e condição social, também pudessem atuar diretamente pelo uso do conhecimento científico (Roth & Lee, 2004). Isso requer também o desenvolvimento de valores (Santos & Schnetzler, 1997), vinculados aos interesses coletivos, como solidariedade, fraternidade, consciência do compromisso social, reciprocidade, respeito ao próximo e generosidade. Eles estão relacionados às necessidades humanas e deveriam ser vistos como não subordinados aos valores econômicos.

O letramento é de suma importância para a formação de cidadãos críticos, autônomos, capazes de fazer uso dos diversos textos que circulam socialmente.

Alfabetizar na perspectiva do letramento é entender que alfabetização é a sistematização do aprendizado do sistema alfabético, e letramento é sua aplicação na realidade, no contexto que o indivíduo se insere, sabendo que faz-se necessário que este se dê indissociavelmente. Fala-se muito em alfabetizar letrando, termos bastante discutidos por pesquisadores e profissionais da educação.

Vivemos num mundo letrado, em que os textos estão empregados nos mais variados setores da vida social, e exercem importante papel para a comunicação. Para que os educandos possam alcançar o nível de letramento desejado e possa realmente compreender as diferentes funções da língua, imprescindível é que a escola proporcione o contato e a prática com uma diversidade de textos, como frisa Soares ao conceituar letramento como:

Estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas, e variadas práticas sociais de leitura e escrita. (2012, p.44).

Uma pessoa letrada é aquela que, além de aprender a ler e a escrever, faz uso dessa aprendizagem, envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita. Ao tornar-se letrada a pessoa muda seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura, sua forma de relacionar-se com as outras pessoas, com o contexto etc.

Quando uma pessoa se torna letrada ela fala de forma diferente de uma iletrada ou analfabeta; depois de concluído o processo de letramento, por isso há adultos que passam a falar de maneira diferente. Além de saber lidar melhor com o seu cotidiano, sabendo pegar um ônibus, fazer compras em um supermercado, etc. Dai a importância do letramento, pois uma pessoa letrada consegue desenvolver suas práticas sociais.

Segundo Soares, “Letramento é um contínuo que representa diferentes tipos e níveis de habilidades e conhecimento, e é um conjunto de práticas sociais que envolvem usos heterogêneos de leitura e escrita com diferentes finalidades” (2012, p. 83). Para alfabetizar na perspectiva do letramento é imprescindível que use dos diversos portadores textuais que fazem parte da realidade do educando, de forma a levá-los a compreender suas funções e sua estrutura linguística.

## Considerações Finais

Ao discutirmos a por meio da reflexão sobre o Programa de Intervenção Pedagógica observar-se a importância e a necessidade de agir e intervir no processo pedagógico, buscar soluções práticas e possíveis em busca da melhoria do desempenho do aluno. É necessário avaliar o que foi feito até o momento para melhorar



o desempenho escolar, o que deve ser mantido e o que precisa ser mudado ou redirecionado. Verificar as possíveis estratégias e as metas a serem alcançadas com objetividade, clareza e prazos de execução bem definidos.

Foi possível constatar a contribuição positiva do PIP por meio das sugestões, metas e ações de melhoria, sendo de fundamental importância o papel de cada profissional da escola, posto que esses com seus papéis definidos e com o devido direcionamento dado pelo PIP e num trabalho incessante em equipe esses papéis se somam em busca de uma escola pública melhor. O corpo docente se une na busca de alternativas de intervenção, os diretores estimulando sua equipe a adotar novas formas de trabalho, um clima escolar de cooperação e crescimento profissional.

O PIP foi um marco importante na educação mineira, aponta para um crescimento no desempenho dos alunos, com grande avanço, mas ainda com um longo caminho a percorrer. Dessa forma é necessário que a escola reflita sobre a sua verdadeira função: “ensinar”, produzindo os conhecimentos demandados pelo contexto social e histórico no qual ela se insere e gerando reais possibilidades de aprendizagem.

A escola que ensina de verdade proporciona prazer, estimulando a permanência e o crescimento do aluno. Aprender e ensinar são vivências de processos, tanto para o professor quanto para o estudante, e não a memorização de conhecimentos prontos. Ser professor é viver o desafio cotidiano de ser aprendiz, porque só ensina quem aprende, é essa a base do fenômeno da produção de saberes, uma vez que o ensino é um caminho de duas mãos, em uma delas, estão as atividades didáticas e na outra, estão os esquemas do pensamento dos estudantes.

Conclui-se que o PIP vem contribuindo de forma singular para a melhoria do trabalho na escola, quando une seus profissionais e dá a cada um a possibilidade de sugerir, propor e contribuir de modo a construir em seu ambiente cotidiano de trabalho um ensino condizente e uma aprendizagem significativa transformando a escola não em transmissora de conhecimento e sim em construtora de conhecimentos, ponto central para a formação de cidadãos conscientes e participativos da sociedade onde vivem.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. Ofício de mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FELIPE, Janssen. Revista Presença Pedagógica nº 9. 2009, p. 53.
- Governo de Minas. Guia de revisão e reorganização do plano de intervenção pedagógica /2013.
- Matriz Curricular da SEE/MG, Direitos de Aprendizagem Gerais e Específicos PNAIC, Outras Matrizes Curriculares.
- SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 124p.
- GADOTTI, Moacir. Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido. – Novo Hamburgo: Feevale, 2003.